

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DO CERRADO**  
**PATROCÍNIO**  
**Graduação em Psicologia**

**ALAN CARLOS DOS SANTOS**

**SOCIEDADE VIRTUAL: FUGITIVOS DO MUNDO REAL**

**PATROCÍNIO**  
**2018**

**ALAN CARLOS DOS SANTOS**

**SOCIEDADE VIRTUAL: FUGITIVOS DO MUNDO REAL**

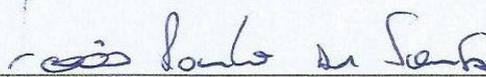
Trabalho Monográfico de Conclusão de Curso  
apresentado ao Centro Universitário do Cerrado  
Patrocínio – UNICERP, como requisito para  
obtenção do grau de bacharel em Psicologia.

**Orientador:** Prof. Me. João Paulo de Sousa

**PATROCÍNIO  
2018**

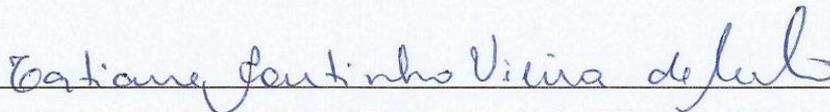
Trabalho de conclusão de curso intitulado “**Sociedade Virtual: Fugitivos do Mundo Real**”, de autoria do graduando Alan Carlos dos Santos, aprovado pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

BANCA EXAMINADORA



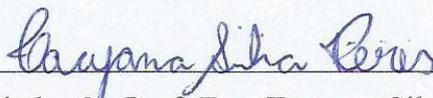
Orientadora Prof.<sup>a</sup> Me. João Paulo de Sousa

Instituição: UNICERP



Avaliador 1 - Prof. Ma. Tatiane Coutinho Vieira de Melo

Instituição: UNICERP



Avaliador 2 - Prof. Esp. Tacyana Silva Peres

Instituição: UNICERP

Data de aprovação: 07/12/2018

Patrocínio, 07 de Dezembro de 2018

*Dedico à toda minha família por suportar a barra nos momentos em que eu mais precisei deles, me animando a fazer a conclusão deste trabalho acadêmico...*

*Aos meus Professores, a eles todos os créditos pelos anos em que estivemos juntos me ensinando o que há de melhor nesta profissão, especialmente ao Prof. Me. João Paulo, pela determinação em concluirmos este trabalho, de maneira alguma me deixando desanimar, a todos eles...*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todos os meus professores por essa longa jornada que passamos, exemplo de vida como aluno e ser humano e um futuro profissional, ontem aluno hoje colegas de profissão: A minha equipe de trabalhos da qual parecíamos os excluídos mas, com a nossa perseverança e organização, tornou meu desafio de lidar com o tempo possível e fazer grandes produções ao longo da faculdade.

Ao Prof. Me. João Paulo, pela dedicação nas correções e orientações neste período de aprendizado e, mesmo com seus afazeres, nunca faltou com dedicação comigo.

Aos meus colegas de graduação, que tornaram uma longa jornada de dedicação, discussões e competições, em algo divertido e prazeroso de se viver, seria um prazer com a experiência de hoje, reviver tudo com aquela turma.

E especialmente, ao meu pai, que encerrou seu ciclo de vida logo após o término do meu ciclo acadêmico. Sem ele, hoje não estaria aqui para fazer parte da história, e com lágrimas aos olhos lhe agradeço, do fundo do coração e peço-lhe perdão se algum dia lhe faltei com respeito. Saiba que, de forma alguma era minha intenção, nestes momentos de raiva ou de confusões geradas pelo estresse do dia a dia. Saiba que de onde estiver eu o amo muito, e amo muito também à mamãe, fonte da minha força, mulher guerreira e batalhadora, que nunca se queixou da vida e sim, aceitou o fardo de nos ensinar o que se é viver com o que se tem. Um muito OBRIGADO a esses heróis reais!

## RESUMO

**Introdução:** Nos tempos atuais, as tecnologias foram aprimoradas para melhorar a vida do ser humano. Muitas delas foram vistas em seus modelos mais primitivos, como o computador na segunda guerra mundial. Estes aparatos deram origem às tecnologias modernas, gerando mais conforto e segurança nas interações virtuais e com a comodidade de um simples clique pode-se mudar sua vida ou visitar outros lugares aos quais o indivíduo não teria condições financeiras ou físicas de ir. Mas este conforto pode tornar-se mais um transtorno na vida moderna, quando usada de forma viciante, gerando em sé mais um desafio aos profissionais de saúde mental. A *nomofobia* ou DI, ainda é pouco conhecida no Brasil e ainda não está classificada pelo DSM 5. Estudos na parte superior do globo trazem esta nomenclatura que instiga a pensar sobre o que as tecnologias dos dias atuais podem mudar na vida do indivíduo. A perda do interesse de se socializar, devido a comodidade que estes aparelhos lhe fornecem, minimiza o enfrentamento face a face, do qual muitos têm medo ou receio, pela falta de habilidade neste quesito.

**Objetivos:** Este trabalho objetivou compreender, por meio de uma revisão literária sistemática, o que as produções científicas têm discutido sobre o uso abusivo da internet nos tempos atuais. Teve como objetivos específicos, compreender por que as pessoas fazem uso abusivo da internet, e conhecer as motivações que levam à preferência pela interação por meio das redes sociais virtuais.

**Material e Método:** Trata-se de uma revisão sistemática de literatura. Uma maneira eficaz para averiguar uma produção científica em determinadas áreas de conhecimento, permitindo alocar ideias, métodos, hipóteses e resultados, gerando indicadores importantes no trabalho.

**Resultado:** A partir das buscas pôde-se notar o grande uso de aparelhos eletrônicos, como celulares e computadores, e por meio destes, o constante uso de *apps* de redes sociais virtuais e jogos por parte dos usuários, que ficam presos juntos a esta tecnologia, isolando-se do convívio presencial com os demais, ou em alguns casos, em que preferem o isolamento, devido à falta de habilidade social.

**Conclusão:** Neste sentido, se faz necessário que o profissional se atente ao psíquico deste indivíduo, buscando formas interventivas sobre eles a fim de minimizar fatores estressores que ocasionam um possível desenvolvimento da *nomofobia*.

**Palavras-chave:** Internet. Redes sociais virtuais. Psicopatologia.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Síntese da amostra. ....	27
------------------------------------	----

## **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1: Temáticas das produções identificadas.....	28
Gráfico 2: Redes sociais virtuais presentes nos estudos .....	29
Gráfico 3: Anos de publicação.....	30

## LISTA DE SIGLAS

APP .....	Aplicativo
DI .....	Dependência de Internet
QI .....	Quociente de inteligência
DSM .....	Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
GRAF .....	Gráfico
SciELO .....	Scientific Eletronic Library Online
TFS .....	Transtorno de Fobia Social
TV .....	Televisor

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>2 OBJETIVOS</b> .....	16
2.1 Objetivo Geral .....	16
2.2 Objetivos específicos .....	16
<b>3 DESENVOLVIMENTO</b> .....	17
<b>3.1 INTRODUÇÃO</b> .....	19
<b>3.2 MATERIAL E MÉTODOS</b> .....	25
3.2.1 Tipo de Pesquisa .....	25
3.2.2 Amostra e Base de Dados .....	25
3.2.3 Corpus de Pesquisa .....	26
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÕES</b> .....	27
4.1 O uso abusivo da internet nos tempos atuais em redes sociais virtuais.....	30
4.1.2 Porque as pessoas fazem uso abusivo da internet.....	35
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	37
<b>6 REFERÊNCIAS</b> .....	39
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS / CONCLUSÃO</b> .....	40
<b>8 REFERÊNCIAS</b> .....	42

## 1. INTRODUÇÃO

Com a iniciação das novas tecnologias e com a interatividade presente na vida diária das pessoas, os telefones celulares, os computadores e a internet viraram instrumentos de vasto uso, desencadeando um dos maiores fenômenos mundiais do século XXI: a *nomofobia*. O nome é pouco comum, mas nos dias atuais, muitas pessoas podem estar sofrendo deste mal e nem estarem cientes disso. O termo *nomofobia* constituiu-se no Reino Unido (Inglaterra). É derivado de uma abreviação da expressão *no-mobile-phone phobia*. O mundo atual precisou criar uma nova nomenclatura, que simulasse as sensações e os sentimentos observados nas pessoas por meio da interação com estas novas tecnologias. Desta maneira, o termo *nomofobia* nasceu para indicar a angústia ou o desconforto causado pelo medo de ficar *off-line*<sup>1</sup>, ou seja, pelo medo de permanecer incomunicável por meio da internet, do computador ou do telefone celular (MAZIERO; OLIVEIRA, 2017). Ainda segundo os autores, o termo *nomofobia* ainda não é usado como descritor no Brasil, já que é um termo internacional e pouco pesquisado no país.

Em bases acadêmicas, o termo *nomofobia* aparece somente em estudos internacionais. Em *sites* de busca do Brasil, o termo aparece quase que exclusivamente em grupos de discussão, *sites* jornalísticos e *blogs*, mas não há citações em pesquisas ou estudos brasileiros, o que faz aumentar a necessidade de investigação sobre o tema (MAZIERO; OLIVEIRA, 2017, p. 73).

O transtorno de dependência digital ou *nomofobia*, exhibe duas propriedades distintas: inabilidade social e ansiedade. A inabilidade social pauta os problemas como a comunicação face a face. A ansiedade é caracterizada por uma apreensão devotada e excessiva em que o sujeito avalia que suas afinidades serão prejudicadas caso não esteja conectado, induzindo a uma apreensão ou medo constante, podendo desenvolver alterações fisiológicas (AZEVEDO *et al.*, 2016). Os computadores, os telefones celulares, os tablets, a internet e todos os aparatos contemporâneos de comunicação estão no gosto popular e são utilíssimos. Relevante é procurar manter uma inter-relação controlada e saudável com todos esses aparelhos tecnológicos na vida

---

<sup>1</sup> *Offline* (ou *off-line*) é um termo da língua inglesa cujo significado literal é “*fora de linha*” e também pode qualificar alguma coisa que está desligada ou desconectada. É habitualmente usado para designar que um determinado usuário da internet ou de uma outra rede de computadores não está conectado à rede.

diária, desfrutando com cautela das facilidades que esses aparatos adaptam e procurando evitar as consequências prejudiciais (MAZIERO; OLIVEIRA, 2017).

O imaginar em uma sociedade sob o ponto de vista das redes é concebê-la na sua mais vasta interdependência, o que vai ao encontro do Molde Bioecológico<sup>2</sup>, que demanda as interconexões entre os mais diversos ambientes. A rede social é a mais perfeita metáfora que simula esse modelo, pois adota a interação entre diversos setores e suas práticas e aceita a reflexão sobre a cultura na qual se está mergulhado (CUSTÓDIO; CREPALD; LINHARES, 2014).

O indivíduo é abrangido a partir de suas distinções biopsicológicas e daquelas estabelecidas no intercâmbio com o ambiente. Esta ação é bem vista como responsável pelo desenvolvimento, e se dá por meio da influência mútua, e se torna cada vez mais complexa entre um indivíduo e outros, objetos e símbolos em um ambiente imediato, que Bronfenbrenner tituló de processos proximais. O assunto refere-se aos contextos de vida do indivíduo e é avaliado por meio da interação de quatro níveis ambientais: o microssistema, o mesossistema, o exossistema e o macrosistema, e todos esses sistemas são mediados por meio do cronossistema. O Tempo, permite examinar a extensão de mudanças e continuidades para o desenvolvimento humano que acontecem ao longo do período de vida. Seguindo este sentido, o cronossistema sujeita valor ao tempo, pelas alterações que ocorrem nos subsistemas ao longo do período, considerando o histórico transgeracional familiar e dos grupos sociais inseridos. As redes sociais de apoio são inscritas no componente contexto, no qual é possível enxergar as interações envolvidas no desenvolvimento (CUSTÓDIO; CREPALD; LINHARES, 2014).

Neiva, Fussi e Corradi (2016) fazem menções a lacunas estruturais na sociedade, diferencia-a os como buracos estruturais são um conceito criado para se referir a alguns aspectos importantes do proveito ou desproveito posicional dos atores, esta vantagem ou desvantagem dependerá do posicionamento dos indivíduos dentro da rede. Em outros termos, o número de relações e a qualidade repetidamente determinam o acesso a informações e recursos. As estimativas de buracos estruturais questionam a posição de cada ator em sua vizinhança (rede social imergido). O custo gerado pela rotina é ajustado por que descrevem várias feições da vantagem ou da desvantagem do ator em relação à sua vizinhança (tamanho eficaz da rede, eficiência de contato e limite).

---

<sup>2</sup> No modelo bioecológico, são reapresentados quatro aspectos multidirecionais inter-relacionados, o que é designado como modelo PPCT: "pessoa, processo, contexto e tempo".

Neste significado ao realizar uma postagem<sup>3</sup>, o indivíduo pode a partir de noções prévias das pessoas que estão entre seus contatos que, portanto, seriam receptoras da mensagem, modular a mesma para alcançar determinado objetivo: provocar compaixão, revolta, solidariedade, ou desprezo, etc., porém, este conhecimento é restrito por alguns fatores. Inicialmente, o emitente da mensagem deve pressupor como a mesma será recebida por completo, não tendo a probabilidade de mudar o curso discursivo e da representação no meio do caminho (CARVALHO, 2017).

O ator é uma pessoa, grupo ou indivíduo estudado ou ainda um emissário destes. Ele é a peça fundamental da rede. Dentro dos grupos temos subgrupos também compostos a partir dos atores, considerando suas ligações recíprocas entre estes usuários da mesma rede. As inclusões são mescladas por um conjunto de uniões da mesma natureza entre os membros do grupo. Terminando o material transacional trata-se do conteúdo trocado, na língua internauta, conteúdo compartilhado entre os atores e pode ser elementos materiais ou não materiais (NEIVA; FUSSI; CORRADI, 2016).

Pinheiro (2016) explica que este ator, popularmente com o nome avatar<sup>4</sup>, termo de origem hindu que constitui-se como encarnação, difundiu-se no vocabulário das mídias digitais devido ao recurso de criação, pelos usuários, de figuras à imagem e similaridade de suas prioridades estéticas, transcendendo, assim, as restrições de seu corpo biológico (muitos usuários preferem o uso de avatares do que sua própria feição). Pela via do simulacro digital, tudo se torna possível, como no palco das metodologias para a criação lúdica. O corpo avatarizado é um indivíduo para ser usado, um corpo-extensão do vassalo, livre das fragilidades comuns.

Nos últimos anos, a vinculação dos indivíduos em relação ao telefone celular tem sido assunto periódico na mídia e vem chamando a atenção de pesquisadores do mundo todo. Embora que os estudos iniciais focassem no excesso do telefone celular como meio primário de comunicação, ao grau que esse dispositivo incorporou funções de computadores, a extensão dos comportamentos desadaptativos começou a variar de forma expressiva (MAZIERO; OLIVEIRA, 2017).

Azevedo *et al.* (2016) alegam que as inovações tecnológicas digitais produzem forte impulso sobre a vida, seja ela privada ou pública, como uma ferramenta integradora dentro da

---

<sup>3</sup> No âmbito dos meios de comunicação online, o termo postagem é utilizado como sinônimo de publicação, ou seja, quando algum conteúdo é compartilhado nas redes sociais ou em outra plataforma digital com acesso à internet, por exemplo. Exemplo: “Você viu a minha última postagem no *Facebook*?” ou “São proibidas publicações repetidas no grupo do *Whatsapp*”.

<sup>4</sup> Palavra usada pela mídia e em informática, que se refere a figuras semelhantes ao usuário, por exemplo, nas redes de relacionamento, permitindo a personalização, ganhando assim, um corpo virtual. Esta criação fica parecida com um avatar por ser uma transcendência da imagem da pessoa. O nome foi usado a partir dos anos 80 em um jogo de computador.

conjectura social, gerando, assim, novas convergências e interferindo direta e indiretamente nos processos comportamentais patológicos ou não. Estas condutas compulsivas podem provocar, inicialmente, um alívio de tensão diante a ansiedade, entretanto, também, depressão, falta de habilidade social em comunicação face a face. Porém, trazem efeitos significativos sobre o estado psicológico e fisiológico, quanto a alterações do ciclo vigília/sono, dificuldades pertinentes às relações interpessoais, profissionais, sexuais entre outras. Para os autores, “a vinculação pelo uso demasiado da Internet diferencia-se como uma incompetência que o sujeito tem para conter e dominar-se impulsos pela conectividade, provocando desconforto e sentimento de culpa” (p.2).

Azevedo diz que a vontade deste sujeito ser aceito no meio social pode o sufocar a ponto de pensar que esta interação será falha, o que gera medo da socialização: “A ansiedade é marcada por uma preocupação constante e excessiva em que o sujeito considera que suas relações serão prejudicadas caso não esteja conectado, levando a uma apreensão ou medo constante, podendo desenvolver alterações fisiológicas” (AZEVEDO *et al.*, 2016, p. 1).

Maziero e Oliveira (2017) dizem ser normal, quando o indivíduo desfruta da tecnologia sem que ela o escravize:

Considera-se dependência “normal” aquela que permite aproveitar todas essas inovações tecnológicas para os relacionamentos sociais, para o trabalho, para o crescimento pessoal, entre outros. Embora o uso do computador ou do telefone celular ser diário e por várias horas não se configura como dependência patológica (MAZIERO; OLIVEIRA, 2017, p.74).

Desde a vinda dos primeiros computadores e celulares, percebeu-se uma série de manifestações e mudanças significativas nos costumes dos indivíduos, em seus hábitos, em suas relações sociais e pessoais, nos comportamentos e nas emoções. Dessa forma, surgiu uma demanda de analisar os impactos e as consequências, bem como a extensão dessas mudanças em relação aos ganhos e às perdas, aos benefícios ou aos prejuízos relacionados ao uso ou abuso dessas novas tecnologias (MAZIERO; OLIVEIRA, 2017).

Esta pesquisa bibliográfica tem como problema a dependência digital. Está relacionado a dificuldade que os jovens encontram hoje com as suas relações pessoais e interpessoais, e possivelmente, no seu meio de vida social. A pesquisa parte do pressuposto, de que haja um processo de reclusão social, que acarreta e os prejuízos psicológicos na vida do indivíduo, como perdas significativas das interações sociais, educacionais e profissionais (AZEVEDO *et al.*, 2016).

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo Geral**

- Compreender, por meio de uma revisão literária sistemática, o que as produções científicas têm discutido sobre o uso abusivo da internet nos tempos atuais.

### **2.2 Objetivos Específicos**

- Compreender por que as pessoas fazem uso abusivo da internet.
- Conhecer as motivações que levam à preferência pela interação por meio das redes sociais virtuais.

### 3.DESENVOLVIMENTO

## SOCIEDADE VIRTUAL FUGITIVOS DO MUNDO REAL

SANTOS, ALAN CARLOS<sup>5</sup>  
SOUSA, JOÃO PAULO<sup>6</sup>

### RESUMO

**Introdução:** Nos tempos atuais, as tecnologias foram aprimoradas para melhorar a vida do ser humano. Muitas delas foram vistas em seus modelos mais primitivos, como o computador na segunda guerra mundial. Estes aparatos deram origem às tecnologias modernas, gerando mais conforto e segurança nas interações virtuais e com a comodidade de um simples clique pode-se mudar sua vida ou visitar outros lugares aos quais o indivíduo não teria condições financeiras ou físicas de ir. Mas este conforto pode tornar-se mais um transtorno na vida moderna, quando usada de forma viciante, gerando em sé mais um desafio aos profissionais de saúde mental. A *nomofobia* ou DI, ainda é pouco conhecida no Brasil e ainda não está classificada pelo DSM 5. Estudos na parte superior do globo trazem esta nomenclatura que instiga a pensar sobre o que as tecnologias dos dias atuais podem mudar na vida do indivíduo. A perda do interesse de se socializar, devido a comodidade que estes aparelhos lhe fornecem, minimiza o enfrentamento face a face, do qual muitos têm medo ou receio, pela falta de habilidade neste quesito. **Objetivos:** Este trabalho objetivou compreender, por meio de uma revisão literária sistemática, o que as produções científicas têm discutido sobre o uso abusivo da internet nos tempos atuais. Teve como objetivos específicos, compreender por que as pessoas fazem uso abusivo da internet, e conhecer as motivações que levam à preferência pela interação por meio das redes sociais virtuais. **Material e Método:** Trata-se de uma revisão sistemática de literatura. Uma maneira eficaz para averiguar uma produção científica em determinadas áreas de conhecimento, permitindo alocar ideias, métodos, hipóteses e resultados, gerando indicadores importantes no trabalho. **Resultado:** A partir das buscas pôde-se notar o grande uso de aparelhos eletrônicos, como celulares e computadores, e por meio destes, o constante uso de *apps* de redes sociais virtuais e jogos por parte dos usuários, que ficam presos juntos a esta tecnologia, isolando-se do convívio presencial com os demais, ou em alguns casos, em que preferem o isolamento, devido à falta de habilidade social. **Conclusão:** Neste sentido, se faz necessário que o profissional se atente ao psíquico deste indivíduo, buscando formas interventivas sobre eles a

---

<sup>5</sup> Graduando em Psicologia pelo Centro Universitário do Cerrado Patrocínio (UNICERP). 2018. E-mail: alan.alancarlos@gmail.com

<sup>6</sup> Professor Orientador. Centro Universitário do Cerrado Patrocínio (UNICERP). 2018. E-mail: terapeuta.joaopaulo@gmail.com

fim de minimizar fatores estressores que ocasionam um possível desenvolvimento da *nomofobia*.

**Palavras-chave:** Internet. Redes sociais virtuais. Psicopatologia.

## ABSTRACT

**Introduction:** nowadays old technologies have been enhanced to better the life of the human being, many of them have been seen in your most primitive models like the computer in the second world war. Some of these devices have led modern technologies, generating more comfort and security in virtual interactions with the convenience of a single click change your life or visit other places of which the individual would not have financial or physical conditions to go. But this comfort ends up becoming more a disorder in the modern life of human beings, when they used disparagingly and addictive, generating in a challenge to mental health professionals. The nomophobia or DI, and still little known here in Brazil and we still don't have is classified by the DMS 5, with studies at the top of the globe comes this nomenclature which instigates us to think about what technologies in current days can take. That loses interest in socializing due the convenience with which these devices provides, this is minimizing how much coping issues face to face which many fear or apprehension by the lack of ability in this regard. **Objectives:** this study aimed to understand the factors of nomophobia indicators understanding, through a systematic review, the scientific productions have discussed about the abusive use of the internet in this day and age. Had specific goals, recognize why people do abuse the internet, and why preference for interaction by means of social networks. **Material and methods:** this is a systematic review of the literature. An effective way to ascertain a scientific production in certain areas of knowledge, enabling you to allocate ideas, methods, assumptions and results, generating important indicators in the work. **Result:** From the searches can notice the great use of electronic devices like cell phones and computers nowadays, due to these devices was noted the great use of apps and games for users who get stuck together in this technology isolating the physical contact with others, or in the case of some who prefer isolation because of lack of social skills. **Conclusion:** In this sense, it is necessary for the professional to attend to the psychic exhaustion of this individual, seeking interventional forms on them in order to minimize stressors that cause a possible development of nomophobia.

**Keywords:** Internet. Social networks. Psychopathology.

### 3.1 INTRODUÇÃO

A terminologia *virtual* tem sua raiz no latim *virtualis*, que no princípio, continha o sentido de efetividade e superioridade. Em 1959, com a assimilação da informática, obteve-se uma nova denotação sobre o termo *virtual*, para indicar qualquer coisa materialmente inexistente. Em 2008 foi criado um termo até então inexistente para denominar o medo da impossibilidade de se comunicar *online*, abrangendo do meio do computador ou de celular relacionando a vinculação patológica com esses aparatos, em seguida transformando-se na *nomofobia* (MAZIERO; OLIVEIRA, 2017).

Os indivíduos que tendem a desenvolver a *nomofobia*, em regra, são aqueles que expõem um aspecto dependente, ansioso, inseguro e com uma maior predisposição aos transtornos de ansiedade. Os indivíduos com esse perfil, se habitam a conservar o celular ligado 24 horas, independentemente do ponto onde se localizam. E quando não há a menor possibilidade de manter o dispositivo ligado, os indivíduos utilizam o modo silencioso deixando em modo vibrador, tendo-os à disposição. Quando vão dormir, chegam a deixar o aparelho ao lado da cama. A baixa autoestima e a insegurança, colaboram para que estes indivíduos se sintam rejeitados. Mesmo que a *nomofobia* ainda não tenha sido incluída no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (APA, 2014), o interesse neste tema crescerá em um futuro próximo, com a prevenção e o cuidado para não codificar os comportamentos normais como patológicos (MAZIERO; OLIVEIRA, 2017).

A dependência pelo uso demasiado da Internet assinala-se como uma inabilidade que o sujeito tem de reprimir e controlar impulsos pela conectividade, gerando ausência de conforto e sentimento de culpa sobre este uso impulsivo. As novas tecnologias digitais causam forte impacto sobre a vida do indivíduo, seja pública ou privada, como utensílio integrador dentro da cúpula social, gerando assim novas tendências e interferindo direta e indiretamente nos métodos comportamentais patológicos ou não (AZEVEDO *et al.*, 2016).

Com o surgimento de novas tecnologias nas últimas décadas, tem sido compreendido o maior uso dos telefones celulares no dia a dia dos indivíduos. “Observa-se a popularização em massa desses aparatos a partir do crescimento das tecnologias e das reduções no custo de acesso. Apesar do ocorrido, faz-se relevante a preocupação em relação aos limites de sua utilização” (MAZIERO; OLIVEIRA, 2017, p. 74). O nascimento da *nomofobia* inaugura uma lista de

categorizações relacionadas a possíveis transtornos. A *nomofobia* é avaliada como um transtorno da sociedade virtual e digital moderna e se faz referência à ansiedade, ao desconforto, ao nervosismo ou à angústia ocasionados pela falta de relação com o computador ou com o telefone celular. Em comum, a *nomofobia* é um temor patológico de permanecer sem contato com a tecnologia (MAZIERO; OLIVEIRA, 2017).

Azevedo *et. al.* (2016) comenta que os indivíduos que estão viciados na utilização do meio digital e das redes sociais digitais, as utilizam como instrumento para facilitar a comunicação com outros indivíduos, promovendo emoções de satisfação e prazer, o que pode configurar um elemento sedutor para a dependência em si. O indivíduo se encontra invariavelmente com novas possibilidades, que não cessam de passar por diversas transformações: tanto o indivíduo como as tecnologias evoluem de um instante para o outro, como do dia para a noite, e as disciplinas científicas e a literatura precisam seguir essas variações (MAZIERO; OLIVEIRA, 2017).

No universo das produções científicas que versam sobre as transformações culturais, a discussão acerca da virtualidade, faz uma analogia à *realidade*, ou mais apropriado por assim dizer, à vida *off-line* dos indivíduos. A dimensão virtual, recebeu expressiva força a partir do acréscimo dos *smartphones*, elemento propulsor de uma tendência de mídias inédita. Em um único aparelho, sem fio, ajustado com o tamanho do bolso, é possível deslocar-se das determinações físicas presenciais, ou seja, da sociedade moderna, e viajar em uma janela infinita de possibilidades interativas. Como um alibi perante a possibilidade de experimentação da solidão, do tédio, ou do *nada a fazer*, torna-se possível uma conexão, aparentemente ilusória, do sentimento de nossa inconformidade fundamental (PINHEIRO, 2016).

Rosa, Santos e Faleiros (2015) dizem que, em sua concepção, a virtualidade está presente em cada ato em que compreendemos algo, pois, nós enviamos diretamente à nossa memória, aos eventos, aos sentimentos e às percepções que existem, mas que são impalpáveis, desmedidas e que coexistem com a realidade no nível da virtualidade, dando significado ao que percebemos. Contudo, com o nascimento da internet e das redes sociais virtuais, assim como grandes contingentes da população mundial, principiaram a interagir entre si em ambientes tradicionalmente chamados *virtuais*. Desse modo, essa relação entre atmosferas reais e virtuais, tornou-se tópico periódico em debates entre acadêmicos e entre usuários de redes multimídias, como por exemplo, o *Facebook*<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> *Facebook* é uma rede social lançada em 2004. Este termo é composto por *face* (que significa cara em português) e *book* (que significa livro), o que indica que a tradução literal de *facebook* pode ser "livro de caras".

Zuben, Rissi e Lorenzi (2013) definem a rede como um o conceito social abrangente. É geralmente mencionado a um preceito amplo de relações (pessoas, funções e contexto) proferidas de modo a apresentar ajuda instrumental e emocional a uma pessoa em necessidade. Como utensílio para identificação, caracterização e compreensão da rede social expressiva das suas funções na vida de um indivíduo, recomenda-se a constituição de um “mapa de rede”. Graficamente, este mapa é desmembrado em quatro quadrantes - família, relações de trabalho ou escolares, amizades, relações comunitárias ou de serviço - e círculos concêntricos: círculo interior das relações íntimas, círculo intermediário de relações pessoais com menor compromisso, círculo exterior de conhecidos e relações ocasionais. Este mapa é estabelecido em um exercício dialógico em que o indivíduo procura definir sua rede social expressiva a partir da identificação da participação de alguns indivíduos em sua vida, destas colocações que exercem e de seus níveis de proximidade. A partir destes dados surge uma narrativa em que o indivíduo pode se ver implantado em uma complexa rede de relacionamentos. Ajustamos qual a importância da rede social, podendo ser útil para um planejamento e ações de cuidado, articulando-se a um ponto de vista de saúde ampliado e sensível aos seus categóricos biológicos, psicológicos e sociais.

Pinheiro e Lorenzi (2014) contestam dizendo que nem toda relação com a rede possa ser benéfica ao usuário, ainda que a maioria dos estudos destaque os aspectos positivos da rede social na vida dos usuários, operando como um fator de proteção e auxílio, há estudos que ponderam que a relação do usuário entre redes e qualidade de vida nem sempre é produtiva. Estudos debatem, por exemplo, os resultados de informações e de relacionamentos que circulam nas redes, e que abrangem não só a benefícios, mas do mesmo modo das frustrações, e também da presença de usuários inoportunos ou que se envolvem excessivamente na vida dos outros. Ainda que relatem esses pontos negativos, estes autores também destacam aspectos positivos da rede social.

De encontro com a era dos meios de comunicação social de massa (rádio e TV), desde sua popularização à internet, no início do século XXI, as mídias digitais admitem a seu público ter um papel ativo não somente na comunicação, mas na criação deste conteúdo. Repartir a vida e a intimidade tem permanecido uma fala periódica. A ideia de mundo social virtual não parece alterar o desejo por relacionamentos, mas afinal, o que é intimidade? Problematiza-se o entendimento de intimidade, como espécie essencial dos seres humanos, de forma a questionar sobre o *segredo*, o espaço *interior*. O *íntimo* se profere entre as esferas do público e do privado, ambas políticas e sociais, assim como referendam ao feminismo da segunda onda, o pessoal é político. O conceito de proteger o íntimo intangível dos princípios de conduta remete a uma

autonomia radical, mas sua narração, que agrega corpos, objetos e imagens, depara certa tangibilidade ao que novamente era ponderado como por fora do alcance de outrem, adequando-se às normas, valores e regras não separando-se dos indivíduos, deste modo, seus ambientes privados e íntimos são igualmente pautados pela uniformidade do comportamento, ou bem como sugere: “nossa subjetividade pessoal é somente um fruto temporário e contingente, um período na trama contínua da intersubjetividade”(BELELI, 2016, p.338).

Trindade e Mosmann (2015) destacam como o uso da internet está com um gama cada vez maior de aparelhos tecnológicos que fazem conexão com a internet, está ingressão à rede mundial de computadores exibe-se em um auto crescimento desde a sua popularização na década de 1990. Na última década, a internet trocou de ser uma ferramenta empregada apenas para fins acadêmicos ou profissionais, para integrar o cotidiano das pessoas em diferentes momentos. Neste quesito a população jovem tem se destacado bastante quando o assunto é a imersão ao universo *on-line*, especialmente, para uso não essencial (quando o acesso à internet não está relacionado ao trabalho ou estudo, normalmente a jogos e redes sociais).

Procurando respostas para esses questionamentos, são descobertos na literatura diversos trabalhos descrevendo as dificuldades relacionadas ao uso da internet, assinalando que o uso nocivo deste processo vai muito além do número de horas em conexão. Na literatura há trechos que indicam que entre os procedimentos descritos como atributos da dependência de internet (DI) estão, principalmente, a apreensão excessiva ou descontrolada do indivíduo para manter-se ligado à rede, próxima ao sofrimento ou a perdas em procedimentos escolares, ocupacionais, sociais entre outros, ficando assim, embora o indivíduo distinga os prejuízos anexos ao uso excessivo da internet, ele continua mantendo-se nas atividades *on-line* de maneira periódico e persistente. Mais à frente do termo *dependência de internet*, diferentes qualificações, como uso demasiado de internet, uso problemático de internet e transtorno por uso de internet são agregadas para nomear essa condição. Porém, bem longe de haver concordância, o termo “*internet addiction*” (dependência de internet) rotineiramente é mais utilizado na literatura sobre esse tópico e, sendo assim, foi adotado no presente (TRINDADE; MOSMANN, 2015).

Os últimos anos apresentam um aumento exponencial do uso de redes sociais no contexto de uso da internet, constituindo presentemente o *facebook*, a rede social mais usada em todo o mundo, especificamente por adolescentes. Nesta conjuntura, torna-se relevante, do ponto de vista psicológico e social, abranger o jeito como os adolescentes se pautam com esta ferramenta e suas probabilidades sobre ela. O *facebook*, diz respeito às dicotomias público/privado, real/virtual, riscos/benefícios e ainda, a apreciação de amizade. Os jovens julgam mais fácil partilhar algumas questões *on-line* o que em contato face a face, e que, no

que se refere ao conceito de amizade na rede social, está muitas vezes trabalhada como uma extensão das amizades da vida real. (ASSUNÇÃO; MATOS, 2014).

Assunção e Matos (2014, p.540) citam que:

A rede social *facebook* foi criada em 2004, por Mark Zuckerberg, estudante de Harvard, e foi no contexto universitário que ela se expandiu exponencialmente até aos dias de hoje. Estatísticas atuais reportam que em Portugal existem atualmente cerca de 4. 077. 020 contas de *facebook*, o que representará 37,98% da população, sendo esse país o 34º do mundo em número de utilizadores dessa rede.

Bouso *et al.* (2014, p. 172) fazem referência a cerca da funcionalidade do aplicativo de mídia integral que jovens adultos e idosos fazem uso no dia a dia.

O *Facebook* oferece uma vasta lista de ferramentas e aplicativos que permitem aos usuários comunicar e partilhar informações, adicionar fotografias, vídeos, comentários, ligações, enviar mensagens, integrar com outros websites, dispositivos móveis e outras tecnologias. Ainda, permite o controle de privacidade, ao selecionar qual informação e com quem deseja compartilhar. O *Facebook* é um sítio eletrônico no qual as pessoas criam um perfil pessoal, adicionam outros usuários como amigos e trocam mensagens e conteúdo de forma geral.

As redes sociais *on-line* modificaram a natureza das inclusões entre as pessoas, e desde a sua aparição atraíram milhões de usuários, integrando-se nas suas vidas diárias. A definição para rede social seria como um serviço cibernético que aceita que os indivíduos constituam uma feição pública ou semipública acerca de si, a seguir do qual estão proferidos e partilham informações, o que consente que as suas informações sejam vistas por outros usuários no mesmo grupo de rede social. Tornassem de facto proeminente pensar sobre esta nova era, uma era em que se observa a “um estilo de socialização e individuação inédito” (ASSUNÇÃO; MATOS, 2014, p. 540).

Beleli (2016, p. 338) referência a criação de perfis como uma maneira de um indivíduo se tornar o que se almeja nas redes sociais.

A criação de perfis nos sites, nas redes sociais e nos aplicativos é pautada por certa manipulação estratégica na construção de si como persona, construção esta que se dá por meio de um discurso narrativo que também inclui imagens.

Assunção e Matos (2014, p.540) descrevem esta interação como uma evolução ao meio de comunicação humana.

Tem-se assistido progressivamente à proliferação dos sistemas de rede, particularmente da internet, observando-se nos últimos anos a emergência de todo um campo de relações cibernéticas entre pessoas com os mesmos interesses, mas muitas vezes geograficamente dispersas. A socialização é um dos atrativos mais fortes desta ferramenta, sendo responsável pelo tempo que os indivíduos passam em interação através de correio eletrônico, fóruns, chats ou redes sociais, e a manutenção de relações interpessoais parece ser a principal razão para a comunicação mediada por computador (ASSUNÇÃO; MATOS, 2014, p. 540).

Para Custódio, Crepald e Linhares (2014), as analogias sucedidas nos subsistemas, e entre eles, podem ser mais incisivas para o acréscimo humano do que as próprias ocorrências que sucedem em cada um deles. De tal modo, podendo inferir ascensão de saúde e o desenvolvimento. A apreciação sobre as redes não estabelece um fim de si mesma. O alvo é demonstrar que a apreciação de uma díade (interação entre duas pessoas) só tem significado em realço ao conjugado das outras díades de rede, pois a sua característica estrutural tem necessariamente uma finalidade sobre sua forma, seu conteúdo e seu emprego. Deste modo, a função de uma inclusão depende da maneira estrutural dos elos, e o próprio sucede como status e o papel de um ator (NEIVA; FUSSE; CORRADI, 2016).

Surge o interesse pelo estudo, a partir do momento em que se percebe tantos indivíduos fazendo um mal-uso de seu QI ficando enfiado muito tempo na rede, dentro de um quarto enquanto sua vida se esvai, perpetrando em um uso abusivo da internet dispositivo de massa global que une o mundo em segundos. Caso esta reclusão venha a se tornar algo que gere agravos psicológicos, como o sujeito pode vir a superar um trauma desta natureza? E neste caso, por que o indivíduo abre mão do convívio social, e fica adepto da virtualização? Azevedo diz que para o indivíduo chegar a este ponto existem dois caminhos; “O transtorno de dependência digital apresenta duas características distintas: Inabilidade social e Ansiedade” (AZEVEDO *et al.*, 2016, p. 1). Surge a hipótese, de que um indivíduo que tem um mal domínio de suas interações sociais usa deste mecanismo como meio de fuga para com o mundo em que ele se sintam bem físico e mentalmente, assim se sentindo melhor sobre seu espaço *real* (virtual, no qual interage com outros usuários com problemas parecidos ou até mesmo iguais).

## **3.2 MATERIAL E MÉTODOS**

### **3.2.1 Tipo de Pesquisa**

Trata-se de uma revisão sistemática da literatura. Uma maneira eficaz para a avaliação da produção científica em determinada área de conhecimento, que permite alocar ideias, métodos, hipóteses e resultados, originando indicadores importantes na produção. Essas revisões são avaliadas como estudos observacionais retrospectivos ou estudos experimentais de recuperação e análise crítica da literatura. Têm como objetivo levantar, reunir, avaliar criticamente a metodologia da pesquisa e sintetizar os resultados de diversos estudos primários. Utiliza métodos sistemáticos e explícitos para readquirir, selecionar e avaliar os resultados de estudos relevantes (GIL, 2008).

### **3.2.2 Amostra e base de dados**

Para alcançar o objetivo do trabalho, foram feitas buscas na base de dados eletrônica SciELO (*Scientific Electronic Library Online*). A escolha dessa plataforma se deve à sua grande credibilidade no meio acadêmico, hospedando diversos artigos em diferentes áreas. Porém, é importante considerar que existem limitações em quaisquer bases de dados existentes, e as combinações dos descritores na realização das buscas das referências, foi uma alternativa para a realização do trabalho.

A pesquisa foi realizada dia 03 de abril de 2018. Onde a busca dos artigos orientou-se pelos seguintes descritores: internet; redes sociais; psicologia e compulsão. Na primeira busca foram encontrados 20 artigos sendo utilizados apenas 7, sendo que, os que foram excluídos, não se adequavam ao trabalho. Para complementar a amostra, foi realizada uma segunda busca, com os descritores “internet, psicologia e compulsão”. Foram encontrados outros 17, dos quais selecionou-se 5 artigos, o restante foi excluído devido não se adequar aos requisitos da pesquisa. Após realização dos procedimentos de seleção dos estudos encontrados, foram utilizados 12 artigos aos quais se adequavam aos requisitos do trabalho.

### 3.2.3 Corpus da pesquisa

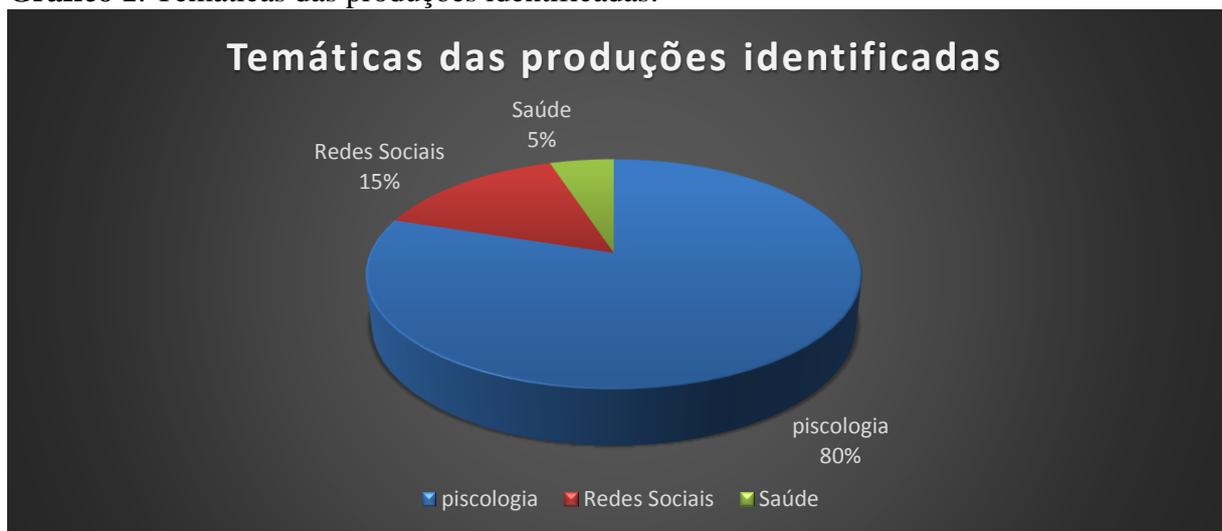
<b>Título</b>	<b>Ano</b>	<b>Autores</b>	<b>Periódico</b>
A rede social significativa de uma mulher após o diagnóstico de HIV AIDS	2013	Zuben; Rissi; Lorenzi	Psicologia em Estudo, Maringá
Funções do agente comunitário de saúde no trabalho com redes sociais	2014	Pinheiro; Lorenzi.	Universidade de São Paulo
Perspectivas dos adolescentes sobre o uso do Facebook um estudo qualitativo	2014	Assunção; Matos.	Psicologia em Estudo
Redes sociais de apoio no contexto da prematuridade perspectiva do modelo bioecológico do desenvolvimento humano	2014	Custódio; Crepald; Linhares	Estudos de Psicologia Campinas
Facebook um novo lócus para a manifestação de uma perda significativa	2014	Bouso; Regina; Szylit <i>et al</i>	Psicologia Usp
Opacidade das fronteiras entre real e virtual na perspectiva dos usuários do Facebook	2015	Rosa; Santos; Faleiros	Psicologia Usp
Conflitos Familiares e Práticas Educativas Parentais como preditores de Dependência de Internet	2015	Trindade; Mosmann	Psico-usf
A paixão pela imagem o eu como cenógrafo das virtualidades do si mesmo	2016	Pinheiro	Revista Latino Americana de Psicopatologia Fundamental
Relações entre produtividade acadêmica e redes sociais entre pesquisadores da Ciência Psicológica	2016	Neiva; Fussi; Corradi	Estudos de Psicologia Campinas
Reconfigurações da intimidade	2016	Beleli	Revista Estudos Feministas
Heroínas pôs-feministas as contradições da produção audiovisual feminina no YouTube	2017	Lana	Revista Estudos Feministas
Nossa esperança e ciborgue	2017	Carvalho	Revista Estudos Feministas

**Tabela 1:** Síntese da amostra.

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados demonstram que os estudos que não são ligados à área da saúde também têm produções acadêmicas interessantes como neste cenário aqui estudado. Foi possível observar a predominância da psicologia em quase todos os artigos. É possível mensurar que há uma lacuna nas produções acadêmicas em outras áreas do conhecimento. A psicologia apresentou a porcentagem de 80% das pesquisas coletadas na primeira busca. Com base na segunda busca, pode-se apontar uma porcentagem significativa na área de saúde mental (psicologia) e mais alguns artigos sobre redes sociais virtuais, o que pode estar relacionado ao interesse nesta área ainda não explorada, como pode ser visualizado no gráfico 1.

**Gráfico 1:** Temáticas das produções identificadas.



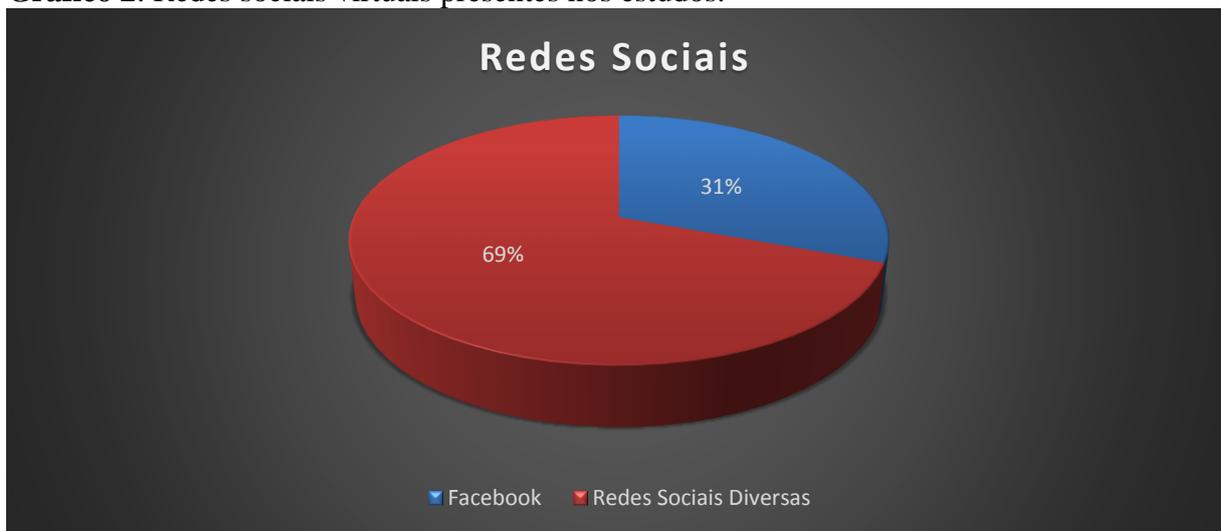
**Fonte:** Dados da pesquisa, 2018.

O GRAF. 1 demonstra a grosso modo, o possível interesse da psicologia por esta nova psicopatologia (*nomofobia*), já que vem surgindo desta carência afetiva presencial, rompe ou diminui as atividades grupais presenciais por falta de interação do indivíduo ou até orientações e apoio emocional. Este tipo de ações de diversos profissionais em outras áreas além da psicologia ajudaria no enfrentamento de uma possível patologia por falta de convívio com indivíduos reais, “Até o ano 2008 ainda não existia um termo que denominasse as sensações e os sentimentos causados pelo medo da impossibilidade de comunicação por meio do

computador ou do telefone celular e nem para abranger a relação de dependência patológica com esses aparatos” (MAZIERO; OLIVEIRA, 2017, p.74).

O GRAF. 2 demonstra que 31% dos artigos selecionados, se aprofundam mais em outras redes do que no app *Facebook*, que totaliza 69% das pesquisas. Isso demonstra que o *Facebook* é bastante utilizado, já que ele sozinho totaliza mais da metade de artigos sobre ele. Ressalta-se que some o aplicativo de mensagens *whatsapp*,<sup>8</sup> sobre o qual ainda não se têm pesquisas realizadas. Azevedo *et al.* (2016, p. 5) caracterizam o indivíduo que não consegue se controlar perante a conter seus impulsos, como impulsivo: “a dependência pelo uso excessivo da Internet caracteriza-se como uma inabilidade que o sujeito possui para reprimir e controlar impulsos pela conectividade, provocando desconforto e sentimento de culpa”. Freitas *et al.* (2008) atentam para a questão entre psicólogos que avaliam o meio ambiente ou os fatores genéticos como decisivos para o comportamento, podendo resultar na preparação de um modelo que contenha um terceiro fator, a ação do indivíduo.

**Gráfico 2:** Redes sociais virtuais presentes nos estudos.



**Fonte:** Dados da pesquisa, 2018.

No que diz respeito a distribuição dos artigos selecionados de acordo com o ano de publicação, o GRAF. 3 mostra que a maior porcentagem dos estudos (39%) se concentra nos anos de 2014 e a segunda maior no ano de 2016 com a taxa de (23%) e a menor taxa no ano de

<sup>8</sup> *Whatsapp* Apesar de parecer óbvio para quem tem fluência no inglês, parte da população não sabe a origem da palavra *WhatsApp*. O nome é a junção do termo “*What’s up?*”, que significa algo como “o que está havendo?” ou “o que está rolando?”. Além disso, para escolher o nome do programa, eles aproveitaram a sonoridade da palavra “app”, que soa similar a “up” (para cima) e é a abreviação de “*application program*” (aplicativo). *Whatsapp* é um software para smartphones utilizado para troca de mensagens de texto instantaneamente, além de vídeos, fotos e áudios através de uma conexão à internet.

2013 com (8%). Com o decorrer dos anos o interesse por este assunto pode vir a aumentar e se ligar ao fato aparente dos conceitos nosológicos, e processos de análise relativos à dependência digital, assinalando a como um dano funcional, engajando globalmente em relação aos processos cognitivos, funções sociais, profissionais e educacionais (AZEVEDO *et al.*, 2016).

**Gráfico 3:** Anos de publicação.



**Fonte:** Dados da pesquisa, 2018.

A psicologia pode oferecer grandes benefícios para o portador de Transtorno de Fobia Social (TFS) ou a *nomofobia*, de diversas formas, como na produção de conhecimento ou na assistência psicológica aos portadores e as vezes a seus familiares. Essas ações podem ser desenvolvidas de diversas formas como em aconselhamentos após o diagnóstico, psicoterapia individual, psicoterapia em grupo tanto com os portadores da psicopatologia quanto com seus familiares, os demais profissionais que atuam com essas pessoas, além de realizar intervenções com a população, podem auxiliar sobre na prevenção do TFS (RASERA; ISSA, 2007).

Observou-se nos artigos analisados, que os avanços terapêuticos contribuem para melhorar a qualidade de vida, estes avanços trouxeram consequências positivas na saúde psicológica dos indivíduos já que, proporcionam uma melhor expectativa de tentar ajudar os indivíduos a melhorarem de vida e indica um melhor oferecimento a uma assistência integral por profissionais de saúde. Diante disso, faz-se necessário que o indivíduo portador de TFS receba um atendimento por uma equipe integral de saúde, onde deve se orientar e acolher o mesmo. Muitas dessas perdas de contato pessoal entre os indivíduos sociais e biopsicossociais, são por abandono da família e pelo meio social em que vive, as vezes o preconceito do próprio

indivíduo é maior a estes sujeitos devido às questões culturais que o mesmo não se insere. Os profissionais de saúde não podem ficar apegados apenas aos aspectos psicopatológicos, mas desconstruir o preconceito e mostrar que eles possuem os mesmos direitos que outros.

Indivíduos com TFS, possivelmente são caracterizados em adultos e jovens como os comportamentos de abandono de atividades externas, o próprio isolamento e o repúdio do círculo de amizades para se vincularem a um mundo virtual, gerando prejuízo na vida social, familiar e individual. Esses são indícios que instigam a pensar, que na dependência por tecnologias e basicamente necessário que se defina o tipo de vinculação, se é patológica (MAZIERO; OLIVEIRA, 2017).

Como a *Nomofobia* ainda não faz parte do DSM-V (APA, 2014), mas é possível observar, como o indivíduo se enquadra na sintomatologia de fobia social descrita no manual:

O transtorno de ansiedade social tem como característica principal o medo ou a ansiedade acentuados ou intensos em situações sociais nas quais as pessoas possam vir a ser avaliadas pelos outros. Quando o indivíduo é exposto às situações sociais, ele tem medo de que o avaliem negativamente. Preocupa-se se será avaliado como desagradável, sujo, débil, ansioso, maluco ou estúpido. O indivíduo teme parecer ou agir de forma que manifeste sintomas de ansiedade, como tremer, transpirar, ruborizar, tropeçar nas palavras e ser julgado negativamente pelos demais (APA, 2014, p. 234)

Observando a quantidade de artigos voltados a psicologia, nota-se que alguns destacam a temática vista no trabalho sobre redes sociais. Além da psicologia pode-se fazer um comentário quanto ao interesse de outras áreas sobre este promissor assunto, classificando-o como pequeno, em vista do interesse da psicologia que se mostrou vasto a meio aos achados. Em ambas as buscas na parte superior do globo, demonstra-se este interesse da psicologia quanto a futuramente prover um parecer melhor a respeito da TFS. O entendimento que se tem sobre redes sociais, ainda não as avalia como um formato preciso sobre o parecer do indivíduo, mas arquitetura, que possui distintas composições das redes sociais virtuais à serem estudadas, o que, no exercício, de busca para uma precaução esquematizada caso a caso, não apontada atualmente, o que poderá beneficiar o acolhimento dos processos e carência da sociedade (PINHEIRO; LORENZZI, 2014).

#### **4.1 O uso abusivo da internet nos tempos atuais em redes sociais virtuais.**

Deste modo, ao oposto das características mais clássicas em psicologia, que apresentam o indivíduo por meio de resoluções individuais ou sociais, este parecer investigativo abraçou,

um ponto de vista sobre a compreensão do *self* do indivíduo, percebendo que, como ser humano, surge como uma personalidade com determinadas características que por meio dos distintos estilos se apresenta e é contado pelas pessoas nos bate-papos em que elas se comunicam (ZUBEN; RISSI; LORENZI, 2013).

Destacam-se, que as informações aqui deparadas são consideráveis para o conjunto clínico, como fundamento empírico para o método de uso dos especialistas que recebem ocorrências de DI, os quais podem observar que o uso demasiado de internet, acompanhada de discussões familiares, podem por este motivo não diminuir a DI em jovens, ao oposto, provoca. Além disso, é indispensável avaliar que esses desfechos estão apoiados na compreensão dos jovens, que compreendem a autoridade dos pais como algo negativo (TRINDADE; MOSMANN, 2015). Em um período histórico de intensas imposições de massificação midiática em novos aparelhos de controle imaginário e social virtualidade. “Numa linguagem bakhtiniana, o excedente de visão, o campo cego da imagem insondável do si mesmo, é objeto do mais intenso investimento para a subjetividade atual” (PINHEIRO, 2016, p.95).

A prematuridade da avaliação, a partir da qual se consente ao ver em uma imagem, ou nas fotografias que rodeiam em diferentes redes sociais, também são produzidos em cargo da fatura. Nesta finalidade, os sites e especialmente os aplicativos, reforçam a procura entre iguais, nutrindo o pensamento que se deve descobrir alguma pessoa *parecida comigo*, fazendo segmento da sua conveniente importância social (BELELI, 2016).

Mesmo que os artigos aleguem que, o que se passa neste *app* não seja algo de tanta seriedade ou mesmo consciente, muitos usuários alegam que, o que acontece no *Facebook* é mais real do que experimentam quando estão em relacionamento físico com o outro. Os textos também citaram que os indivíduos vivenciam e se emocionam pelo que veem, e o que postam na rede social, o que motiva mais investigações sobre este modo de experimentar ou sentir na rede social virtual (ROSA; SANTOS; FALEIROS, 2015).

As histórias marcam como os meios de comunicações sociais digitais como proporcionadora de mobilidade, quanto a liberdade e autonomia, cujas instruções podem ser matizadas. Do mesmo modo, a fundamentação da investigação, fica aproximadamente estereotipada e perversa, afastando os indivíduos de prováveis relações (BELELI, 2016).

Ainda que sem um roteiro definitivo, o *facebook*, nos meios de comunicação social de massa, tem uma aparência básica ou simples: a promoção da posse. Porém, do mesmo modo como que em outros indivíduos, em procuram a popularidade, transformando-se em um produto da mídia virtual, onde outros se inscrevem, fazendo um pacto de visualidade em troca de assinantes e visualizações: Esta aquisição da popularidade sobre a exibição da privacidade na

mídia implica, apesar disso, em um objetivo de transformar-se em um sujeito de renome. Ser observado por outros, contudo, tem uma sensação duvidosa (LANA, 2017).

O número *views*<sup>9</sup> é um gerador de recursos para o sujeito que expõe sua intimidade a troco de um possível emprego, já que algumas mídias sociais, como o YouTube, disponibilizam contratos milionários a usuários bem vistos (milhões de *views* ou *likes*) em seus canais. De forma alguma o usuário deixará com que lances pessoais lugares e situações individuais fiquem frente a sua visibilidade, e que suas fraquezas sejam perceptíveis ou sejam notados de forma simples. Somente com a ampliação para uma visão focada no indivíduo, será mais simples a identificação de possíveis transtornos. Mesmo sendo uma celebridade da internet nos dias atuais, logo, de imediato, o indivíduo não obterá respeito, reconhecimento, admiração, heroísmo e a inclusão do nome no hall da fama, particularidades certificadas na era pré-midiática. A desconsagração da TV e o passar dos tempos assemelhavam eliminar as desigualdades entre produtor e o *viewer*<sup>10</sup> e o elaborador. As imagens monótonas do dia a dia de *vlogs*<sup>11</sup> procuram emparelhar-se o máximo da “realidade” do público que faz uso destes recursos, as transformando em uma certa celebridade, aclamadas em benefício de seus *reality show* (LANA, 2017).

Nesta definição, a virtualização do imago corpóreo tende a variar entre as satisfações referidas, em uma desigualdade fenomenológica-cultural de um improvável trabalho de globalização. Da formação da ideia corporal antinormativa, tais como alterações extraordinárias como inserções de próteses subcutâneas de silicone, cortando a língua ao meio (bipartição de língua), realizar o fechamentos de membros do corpo com tatuagens; alterações estéticas do corpo com a intenção de modificar a heranças genéticas, ou até, as artifícios digitais de transformação e avatarização da figura, significaria somente nos contornos de endereçamento de manifestação do sujeito, discurso, gravado no corpo, ao distinto que algum dizer a respeito de a subjetividade moderna é viabilizada (PINHEIRO, 2016).

O ator é uma pessoa, grupo ou indivíduo estudado ou ainda um emissário destes. Ele é a peça fundamental da rede. Dentro dos grupos temos subgrupos também compostos a partir dos atores, considerando suas ligações recíprocas entre estes usuários da mesma rede. As inclusões são mescladas por um conjunto de uniões da mesma natureza entre os membros do grupo. Terminando o material transacional trata-se do conteúdo “trocado” “(na língua

---

<sup>9</sup> *Views*: Do termo em inglês, visualizações.

<sup>10</sup> *Viewer*: Espectador ou telespectador.

<sup>11</sup> *Vlog*: A abreviação de videoblog (vídeo + blog), um tipo de blog em que os conteúdos predominantes são os vídeos. A grande diferença entre um *vlog* e um blog está mesmo no formato da publicação. Ao invés de publicar textos e imagens, o *vlogger* ou *vlogueiro*, faz um vídeo sobre o assunto que deseja.

internauta conteúdo compartilhado)” entre os atores e pode ser elementos materiais ou não materiais (NEIVA; FUSSEI; CORRADI, 2016).

Pinheiro (2016) explica que este ator e como o distinguimos popularmente com o nome avatar<sup>12</sup>, termo de origem hindu que constitui-se como encarnação, difundiu-se no vocabulário das mídias digitais devido ao recurso de criação, pelos usuários, de figuras à imagem e similaridade de suas prioridades estéticas, transcendendo, assim, as restrições de seu corpo biológico (muitos usuários preferem o uso de avatares do que sua própria feição). Pela via do simulacro digital, tudo se torna possível, como no palco das metodologias para a criação lúdica. O corpo avatarizado é um indivíduo para ser usado, um corpo-extensão do vassalo, livre das fragilidades.

Mesmo em uma base não física, o indivíduo tem a capacidade de experimentar algo do qual está fora da compreensão humana, que gera ou por vias de lembrança ou por linhas de pensamento, como por exemplo, ao ver uma imagem, ouvir uma melodia ou sentir algum cheiro. Demarcando uma série de diferenças entre estes padrões, neste episódio, é o intercâmbio com os aparelhos e suas soluções que proporcionavam a relação entre os sujeitos em vida (virtual). Se este objeto é verdadeiramente uma pendência ou se assim mesmo reflete nas produções subjetivas, ainda assim necessita-se investigar ainda mais. No entanto, é possível observar alguns destaques de como o sujeito posicionou-se para a formulação deste trabalho. Em composição, aos os indivíduos que se utilizam das redes sociais, que hospedam por exemplo: em suas mediações como o *Facebook* permanecem mergulhados neste espaço de cultivo de subjetividade pelo fator de serem internautas como os outros que se vinculam destes sítios destinados a expressarem o que experimentam, raciocinam, refletem e almejam. Nessa tendência o que se formula a partir dos *apps* deu origem ao que vem sendo chamado de uma “novidade de formação psíquica” (ROSA; SANTOS; FALEIROS, 2015).

Pinheiro e Lorenzi (2014) A partir do desenvolvimento das discussões, percebe-se que a conexão em meio a redes sociais e a saúde são extraordinárias para a edificação de métodos que consideram estas precisões da população em sua introdução ao seu conjunto como ser existente. Com este significado, o artigo traz alguns pensamentos junto ao campo da Psicologia em semelhança à saúde coletiva do indivíduo, de maneira especial a respeito do que a obra de precaução neste conjunto valoriza, o deslocamento de um ponto do indivíduo para o âmbito

---

<sup>12</sup> Palavra usada pela mídia e em informática, que se refere a figuras semelhantes ao usuário, por exemplo, nas redes de relacionamento, permitindo a personalização, ganhando assim, um corpo virtual. Esta criação fica parecida com um avatar por ser uma transcendência da imagem da pessoa. O nome foi usado a partir dos anos 80 em um jogo de computador.

relacional, significando que as redes sociais privilegiam nesta discussão como processos interação social dos sujeitos.

A metodologia de constituição dos mapas de redes sociais significativas e suas reflexões sobre as estimativas entre as relações sociais aparentemente moldam a ter também algumas funções terapêuticas. O bate-papo em meio profissional de saúde e o paciente (indivíduo), no formato de rede social do indivíduo, consente em dar transparência às inclusões significativas deste sujeito em seu dia-a-dia e aos seus papéis de que estes indivíduos os sustentam em sua própria vida. Mais à frente dos prováveis resultados positivos em que está conversação pode apresentar, o molde da técnica comporta basear melhor outras atuações terapêuticas, desandadas tanto para o oportuno indivíduo e sua rede, como para sua amarração de métodos mais amplos. Como por exemplo, a técnica se direciona ao grupo do qual se dispõem de uma fobia em função da AIDS<sup>13</sup>, os terapeutas fazem alguns trabalhos de fortalecimento psicológico para com que os mesmos se aceitem como portadores do HIV+, ou os mais debilitados que não se aceitem vivam em tranquilidade com a doença (ZUBEN; RISSI; LORENZI, 2013, p.220).

Na passagem, inicialmente, e capaz de favorecer ao profissional de saúde, por exemplo, identificação entre as relações em que um indivíduo esteja sobrecarregado pelos desempenhos do qual o mesmo exerce, permitindo a reestruturação da rede; ou além disso perceber as situações em que a retirada dos sujeitos da rede põe o indivíduo em ações e algumas situações de grande isolamento trazendo lhe uma grande perdas significativas para a sua saúde. “No segundo caso, esta prática pode fundamentar ações voltadas à transformação dos discursos sociais acerca da AIDS e ao incentivo à criação de espaços grupais e de convivência em que as pessoas possam investir na reconstrução de suas redes sociais” (ZUBEN; RISSI; LORENZI, 2013, p. 220).

Existem controvérsias sobre os papéis de articuladores e de mediadores, funções criadas a partir das necessidades dos grupos de apoio com a ajuda multiprofissional (ACS), deixando discorrer como os mesmos, ao avaliar as redes sociais de auxílio, referem-se à indivíduos acolhidos não como sujeitos desconexos, mas indivíduos implantados como integrantes em inclusões sociais. Com este seguimento, as questões marcam para uma potencial divisão do seu âmbito de vida para com que estes indivíduos se sintam imergidos em outro grupo fora da rede social virtual (PINHEIRO; LORENZI, 2014).

---

<sup>13</sup> A doença do HIV é causada por infecção pelo vírus da imunodeficiência humana tipo 1 (HIV-1), adquirido por meio de exposição a fluidos corporais de uma pessoa infectada, por meio de uso de droga injetada, contato sexual sem proteção ou exposição acidental ou iatrogênica (p. ex., transfusão de sangue contaminado, lesão por punção com agulha em profissionais médicos) (APA, 2014).

#### **4.1.2 Motivos para o uso abusivo da internet.**

Com o limite do trabalho destes profissionais, pode se destacar que seu diagnóstico consentiu um paradoxo maior para o artifício, dando-lhe uma probabilidade de maior movimentação e acionamento sobre a rede doméstica (família). Este privilégio exclusivo desta atuação em diversas redes sociais de base, relações íntimas como amizades, relações no grupo de amigos, participação social comunitária, serviço/estudantes e até mesmo a mais difícil das relações à relação sexual, podendo ser um aspecto empreendido em pesquisas futuras (PINHEIRO; LORENZZI, 2014).

Conglomerando a aquisição técnica, científica e financeira e encaminhado à os indivíduos, apenas obterá o valor se eles estiverem acompanhados em certas situações que requeiram este desenvolvimento. Neste caminho, os criadores estudados recomendam, que se busque o amparo destes indivíduos por meio de ações competentes que submerjam as famílias e os outros ambientes nos quais se estão implantadas desde o micro ao macrosistema (CUSTÓDIO; CREPALD; LINHARES, 2014).

O trabalho apresentou limitações nas verificações, sobretudo no refúgio de sua amostra e igualmente em seu volume, o que é por ser um estudo novo reduz a chances de ser um trabalho mais extenso como o habitual nestes tipos de esboços de revisão sistemática, sendo capaz de ter alguns pontos de vista que não se incluíam no material coletado. A amostra selecionada não foi aleatória, o que confere a estes dados existirem com alguns vieses complementares nos números coletados, uma vez que os itens localizados para a atuação conseguirão mesmo ser já, de qualquer forma, novas obras literárias e com apropriadas competências de contato interpessoal, submergindo a perspectiva inusitada de artigos que basicamente não eram tão adequados a pesquisa, decisiva aqui no uso do trabalho das redes sociais. Bem como este trabalho centraliza-se em um fenômeno, havendo precariedade de materiais obtidos nesse campo, assim mesmo com pouco se revelando formidável e inovadora nestes campos das produções científicas. Propenso ao desenvolvimento enorme sobre a utilização exponencial do uso de inovações tecnológicas a gozo da população não só adolescente, mas como também todas as idades nos dias atuais fazem uso do dispositivo, tornando-se eficaz abranger as imediações e as consequências psicossociais desta forma a emprego para a fundação de afinidades a início com os pares, logo a frente com o planeta. O trabalho destacou uma abundância de conteúdos importantes no assunto de redes sociais encontrados, demonstrando

como pensam os usuários da rede, a respeito do uso da rede social *facebook* (ASSUNÇÃO; MATOS, 2014).

Ressaltando-se a seriedade dos trabalhos acadêmicos acerca do domínio pessoal e institucional, evidenciados nas redes sociais. Estes achados visam também, averiguar o microsistema e o mesossistema dos indivíduos no setor familiar, notadamente às vinculações existentes entre elas, uma vez que estas vinculações favoreçam a estabilidade deste vínculo (CUSTÓDIO; CREPALD, LINHARES, 2014). Os autores Bousso *et al.* (2014) relatam que esta possibilidade pode favorecer aos profissionais no ajuntamento destas famílias e ensiná-las a compreender os sentidos que submergem ao artifício de elaboração do luto destes sujeitos como pacientes (ao falar de luto o autor se refere ao fato do indivíduo se isolar, isto é, como se seus familiares vivenciassem um luto pela não interação de forma física com os demais membros do núcleo familiar). Foi averiguado que existe uma serie de distinção dos sentimentos expressados pelo círculo das redes sociais, demonstrando as transformações de fronteiras evidentes, o que dá o poder para que os usuários discorram sobre um tema até mesmo então pouco expostos. Isto evidencia o fato de que as redes virtuais podem se organizar como um vasto palco, especialmente por consentir as manifestações de questões consideradas tabus, como a morte e o morrer (coisas que normalmente ser humano algum faz questão de pensar).

Observa-se que o medo experimentado possa mudar com a proximidade da circunstância temida, possa se concretizar na presença real ou na prematuridade da situação agorafóbica. Mais diante disso, a ansiedade ou o medo, podem abraçar a forma de um ataque de pânico com sintomas limitados ou totais. O indivíduo foge ativamente a situação ou se não alcança a situação temida evoca medo ou ansiedade para contrair o TFS (MAZIERO; OLIVEIRA, 2017). Jorge (2011) fornece uma pequena amostra sobre esses mecanismos ou Pulsões como Freud as nomeava:

Obrigado por rever seu postulado segundo o qual o aparelho psíquico funciona através do princípio de prazer, com sua tendência a reduzir as tensões, Freud perguntava-se como e possível que situação cujo teor é eminentemente desprazeroso para o sujeito possam se repetir de modo continuado. Freud detecta nestes fenômenos a vigência de um elemento novo que, contrariando o princípio de prazer, vai além deste. A este elemento novo, deu o nome de pulsão de morte (JORGE, 2011, p 61).

Jorge (2011) diz que, para Freud, a elaboração da DI, é o jeito pelo qual o conhecimento analítico permite que o indivíduo possa se tornar resiliente e mais forte ao que se opõem à manifestações dos componentes pulsionais recalcados. Deste modo esta elaboração pode ser discriminada com o próprio trabalho analítico, no conceito em que este visa essencialmente a simbolização deste luto (vivencias mal elaboradas que o indivíduo suprime se tornando um

exilado). Essas ações de elaboração de suas vivências podem ser desenvolvidas de diversas formas, como em orientações após o diagnóstico, a psicoterapia individual, e a psicoterapia em grupo pode ser colocada em prática frente aos portadores da DI, quanto a seus familiares, podendo ser atendida com os demais profissionais que atuam com essas pessoas operando nestas intervenções.

Adentrando nessa perspectiva, há evidência de que os frutos apresentados num cenário interessante e até agora, insuficientemente explorados. Porém, estes achados sugerem que há ambiente para diversas pesquisas, sobressaindo esboços sistemáticos, que procurem abranger com máxima sagacidade as inclusões familiares, em volta da internet. Além do mais, há outros trabalhos que sugerem novas implicações do uso de internet em longo tempo (TRINDADE, MOSMAN, 2015). O paradoxo continua, e quem sabe talvez seja até desejado. Se cara a cara, o indivíduo pode ser identificado por outro, é ao mesmo tempo cara a cara, a oportuna essência humana pode ser diminuída por um simples não. Se frente o aparelho, as particularidades do sujeito podem ser perdidas em “curtidas” e “descurtidas”, é ao mesmo tempo frente a máquina, humana, que pode-se ver a face da humanidade de outro sujeito (CARVALHO, 2017).

Para Pinheiro (2016) a individualidade presta à possibilidade de o indivíduo contar-se como menos um. Retirando-se dos compromissos de aprisionamento e totalidade implicando-se no cultivo de destinos mais fecundos à sua angústia de uma possível finitude, limite de vida mortal ou vulnerabilidade. Empregando-se de sua finalidade à vida quanto uma obra continua e inacabada, percorreria na probabilidade de estilização da própria vivência por sua singularidade, o espólio mais aceitável a ser revestido sobre teu nome. Utilizando-se da metáfora da instabilidade no ato das disposições da corporeidade moderna, virtualizada pelo meio do figurado, arriscara-se resumir os imediatos eixos interpretativos.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A realização desse trabalho permitiu compreender quais as principais consequências promovidas pelo aumento da utilização da tecnologia de comunicação, desde a vinda dos primeiros computadores e celulares na vida moderna. Foi possível observar uma série de manifestações e mudanças significativas nos costumes de vida dos indivíduos, e em seus hábitos de interações sociais e pessoais. Observou-se também, alterações nos comportamentos e nas emoções, procedentes desta interatividade, e que esses fatores causam consequências negativas

na vida destes indivíduos. Fatores sociais e individuais estão relacionados à fragilidade do indivíduo em controlar a impulsividade quanto a ficar *online*. Dentre todas essas vulnerabilidades, a que mais se destaca nesse trabalho, são as causadas pela diversidade ecossistêmica na qual o mesmo está inserido ou excluído. Essa fragilidade relaciona-se a outros motivos patológicos ou saudáveis como exemplo: Patológicos tais como, baixa renda, nível de escolaridade baixo, desigualdade no mercado de trabalho e no acesso aos serviços de saúde pública; saudável, seria a facilidade que o indivíduo teria de conhecer algum lugar ou adquirir algum conhecimento ou se relacionar virtualmente com o outro.

Através desse estudo foi possível constatar que fatores biológicos que deixam os indivíduos mais expostos a desenvolver a *nomofobia*, sendo classificada como um problema da sociedade contemporânea. Não se pensava que computadores estariam acessíveis a população, bem como celulares e *tablets*, fazendo parte do dia-a-dia dos sujeitos, causando impactos familiares, sociais, comportamentais e particulares. Presentemente, as perturbações ligadas à utilização destes dispositivos, desencadearam o desenvolvimento de uma nomeação que pudesse identificar este estado da emoção do indivíduo, as condutas e percepções físicas advindas desta interação. O consumo em excesso dessas tecnologias, desenvolveu comportamentos que precisam ser pesquisados para que se consigam ser futuramente entendidos. A falta de interação do indivíduo, é um tema extremamente pesquisado, porém ainda são poucos os estudos que se dedicam apenas a este transtorno específico.

Outro aspecto importante encontrado é que a internet propicia uma facilidade em torno da comunicação, independentemente da distância. Ao contrário do que se acreditava, foi apontado em 75% dos textos selecionados, o baixo envolvimento do indivíduo em relacionamentos físicos. A DI (dependência da internet) causa grandes prejuízos no convívio com outros indivíduos. Foi observado que a dependência ocorre devido ao fato do indivíduo se sentir em uma posição de menor valor nas relações, se subordinado aos desejos dos outros, para se sentir alguém mais desejado nas relações proximais, não possuindo autoridade para negociar seus direitos em um diálogo cara a cara.

O trabalho aqui apresentado faz-se uma ferramenta para se romper rótulos e preconceitos em relação aos usuários dependentes dessas tecnologias, que comumente, são associados à imoralidade e comportamentos desviantes. Esse trabalho também propõe uma reflexão para os profissionais de saúde, acerca do uso abusivo da internet. No entanto, cabe destacar as limitações desse trabalho, a realização da pesquisa em apenas uma base de dados, sendo que outras, inclusive que hospedem publicações em outros idiomas, podem contribuir para o esclarecimento desta temática. Sugere-se que os novos estudos sobre o universo da

*nomofobia*, considerem as questões da DI, que ultrapassam a abordagem biológica. Por fim, cabe dizer que o presente estudo, trouxe evidências da produção científica recente sobre a *nomofobia*, problematizando as variáveis sociais e biológicas, que, por vezes, ficam encobertas por um discurso preconceituoso, determinista e hegemônico. Afinal, empreender pesquisa científica e posicionar-se é provocar novos movimentos sociais, científicos e de cuidado ampliado.

## 6. REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. Tradução Maria Inês Corrêa Nascimento et al. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. 948 p. Tradução de: Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders DSM.

ASSUNÇÃO, R. S.; MATOS, P. M. Perspectivas dos adolescentes sobre o uso do Facebook: um estudo qualitativo. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 19, n. 3, p. 539-547, ago./2014.

AZEVEDO, J. C. Azevedo *et al.* Dependência digital: Processos cognitivos e diagnóstico. In: IX SIMPÓSIO NACIONAL ABCIBER, 9. 2016. 1. ed. **Anais eletrônicos...** São Paulo: PUC São Paulo, 2016. 19 p.

BELELI, I. Reconfigurações da intimidade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p.337-346, 21 jul. 2016.

BOUSSO, R. S. *et al.* Facebook: um novo locus para a manifestação de uma perda significativa. **Psicologia Usp**, São Paulo, v. 25, n. 2, p.172-179, 26 mar. 2014.

CARVALHO, M. F. L. Nossa esperança é ciborgue? Subalternidade, reconhecimento e “tretas” na internet. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p.347-364, 21 jul. 2017.

CUSTÓDIO, Z A. O.; CREPALD, M. A.; LINHARES, M. B. M. Redes sociais de apoio no contexto da prematuridade: perspectiva do modelo bioecológico do desenvolvimento humano. **Estudos de Psicologia Campinas**, Campinas Sp, v. 31, n. 2, p.247-255, 16 jun. 2014. Trimestral.

FREITAS, R. H. *et al* (Org.). História da psicologia: Pesquisa, formação, ensino. **Centro Edelstein de Pesquisas Sociais**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p.1-133, 10 jul. 2008. Anual.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LANA, L. C. C. Heroínas pós-feministas: as contradições da produção audiovisual feminina no YouTube. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 3, p.1359-1369, 30 maio 2017.

MARTINS, E.; SZYMANSKI, H. A abordagem ecológica de Urie Bronfenbrenner em estudos com família. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p.63-76, 15 dez. 2004. Mensal.

MAZIERO, M. B.; OLIVEIRA, L. A. Nomofobia: Uma Revisão Bibliográfica. **Unoesc & Ciência: ACBS Joaçaba, Santa Catarina**, v. 8, n. 1, p.74-80, 26 jan. 2017. Bimestral.

NEIVA, E. R.; FUSSI, C. C.; CORRADI, A. A. Relações entre produtividade acadêmica e redes sociais entre pesquisadores da Ciência Psicológica. **Estudos de Psicologia Campinas**, Campinas Sp, v. 33, n. 1, p.83-94, 25 mar. 2016. Trimestral.

PINHEIRO, R, L.; LORENZI, C. G. Funções do agente comunitário de saúde no trabalho com redes sociais. **Estudos de Psicologia: Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 19, n. 1, p.49-56, 08 maio 2014.

PINHEIRO, M. A paixão pela imagem: O eu como cenógrafo das virtualidades do si mesmo. **Revista Latino Americana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 19, n. 1, p.84-98, 16 mar. 2016. Semanal. Revisão.

ROSA, G. A. M. e; SANTOS, B. R.; FALEIROS, Vicente de Paula. Opacidade das fronteiras entre real e virtual na perspectiva dos usuários do Facebook. **Psicologia Usp**, São Paulo, v. 27, n. 2, p.263-272, 06 maio 2015.

RASERA, E. F.; ISSA, C. L. G. A atuação do psicólogo em ONG/AIDS. **Universidade Federal de Uberlândia**, Uberlândia, v. 27, n. 3, p.136-142, set. 2007.

SANTOS, É. R. A.; TEDESCO, Marina Cavalcanti. Iniciativas e ações feministas no audiovisual brasileiro contemporâneo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 3, p.1373-1391, 30 mar. 2017.

SOARES, A. R. A Psicologia no Brasil. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 30, n. 1, p.8-41, 10 dez. 2010. Mensal.

ZUBEN, J. V. V.; RISSI, M. R. R.; LORENZI, C. G. A rede social significativa de uma mulher após o diagnóstico de HIV/AIDS. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 18, n. 2, p.211-221, 03 maio 2013. Trimestral.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS / CONCLUSÃO

A *nomofobia* ainda não é um objeto vastamente investigado em países menos desenvolvidos, como o próprio Brasil. Muito diferente do Reino Unido, que investe em novas

pesquisas acerca de melhorar esse funcionamento, homem e máquina, ou intercalar um melhor desenvolvimento entre os seres humanos no contato face a face. Como visto, esta futura psicopatologia terá um longo caminho até poder ter o seu lugar entre as fobias sociais do DSM-V, lembrando que isso não dependerá apenas dos diagnósticos em consultório, e sim dos investimentos em produções científicas. Mesmo com um material escasso, foi possível atingir aos objetivos pretendidos com este trabalho. Foi visto como, além de inovador nos campos da ciência moderna, o campo da *nomofobia* é vasto e solitário, como o indivíduo se percebe.

Sugere-se que os novos estudos sobre o universo da *nomofobia*, considerem as questões da DI, que ultrapassam a abordagem biológica. Por fim, cabe dizer que o presente estudo, trouxe evidências da produção científica recente sobre a *nomofobia*, problematizando as variáveis sociais e biológicas, que, por vezes, ficam encobertas por um discurso preconceituoso, determinista e hegemônico. Afinal, empreender pesquisa científica e posicionar-se é provocar novos movimentos sociais, científicos e de cuidado ampliado.

## REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. Tradução Maria Inês Corrêa Nascimento et al. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. 948 p. Tradução de: Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders DSM.
- ASSUNÇÃO, R. S.; MATOS, P. M. Perspectivas dos adolescentes sobre o uso do Facebook: um estudo qualitativo. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 19, n. 3, p. 539-547, ago./2014.
- AZEVEDO, Jefferson Cabral Azevedo *et al.* Dependência digital: Processos cognitivos e diagnóstico. In: IX SIMPÓSIO NACIONAL ABCIBER, 9. 2016. 1. ed. **Anais eletrônicos...** São Paulo: **PUC São Paulo**, 2016. 19 p.
- BELELI, Iara. Reconfigurações da intimidade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p.337-346, 21 jul. 2016.
- BOUSSO, Regina Szylyt et al. Facebook: um novo locus para a manifestação de uma perda significativa. **Psicologia Usp**, São Paulo, v. 25, n. 2, p.172-179, 26 mar. 2014.
- CARVALHO, Mário Felipe de Lima. Nossa esperança é ciborgue? Subalternidade, reconhecimento e “tretas” na internet. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p.347-364, 21 jul. 2017.
- CUSTÓDIO, Zaira Aparecida de Oliveira; CREPALD, Maria Aparecida; LINHARES, Maria Beatriz Martins. Redes sociais de apoio no contexto da prematuridade: perspectiva do modelo bioecológico do desenvolvimento humano. **Estudos de Psicologia Campinas**, Campinas Sp, v. 31, n. 2, p.247-255, 16 jun. 2014. Trimestral.
- FREITAS, Regina Helena de et al (Org.). História da psicologia: Pesquisa, formação, ensino. **Centro Edelstein de Pesquisas Sociais**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p.1-133, 10 jul. 2008. Anual.
- GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- LANA, Lígia Campos de Cerqueira. Heroínas pós-feministas: as contradições da produção audiovisual feminina no YouTube. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 3, p.1359-1369, 30 maio 2017.
- MARTINS, Edna; SZYMANSKI, Heloisa. A abordagem ecológica de Urie Bronfenbrenner em estudos com família. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p.63-76, 15 dez. 2004. Mensal.
- MAZIERO, Mari Bela; OLIVEIRA, Lisandra Antunes de. *Nomofobia*: Uma Revisão Bibliográfica. **Unoesc & Ciência**: ACBS Joaçaba, Santa Catarina, v. 8, n. 1, p.74-80, 26 jan. 2017. Bimestral.

NEIVA, Elaine Rabelo; FUSSE, Carolina Carvalho; CORRADI, Ariane Agnes. Relações entre produtividade acadêmica e redes sociais entre pesquisadores da Ciência Psicológica. **Estudos de Psicologia Campinas**, Campinas Sp, v. 33, n. 1, p.83-94, 25 mar. 2016. Trimestral.

PINHEIRO, Ricardo Lana; LORENZI, Carla Guanaes. Funções do agente comunitário de saúde no trabalho com redes sociais. *Estudos de Psicologia: Universidade de São Paulo*, São Paulo, v. 19, n. 1, p.49-56, 08 maio 2014.

PINHEIRO, Marina. A paixão pela imagem: O eu como cenógrafo das virtualidades do si mesmo. **Revista Latino Americana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 19, n. 1, p.84-98, 16 mar. 2016. Semanal. Revisão.

ROSA, Gabriel Artur Marra e; SANTOS, Benedito Rodrigues dos; FALEIROS, Vicente de Paula. Opacidade das fronteiras entre real e virtual na perspectiva dos usuários do Facebook. **Psicologia Usp**, São Paulo, v. 27, n. 2, p.263-272, 06 maio 2015.

RASERA, E. F.; ISSA, C. L. G. A atuação do psicólogo em ONG/AIDS. **Universidade Federal de Uberlândia**, Uberlândia, v. 27, n. 3, p.136-142, set. 2007.

SANTOS, Érica Ramos Sarmet dos; TEDESCO, Marina Cavalcanti. Iniciativas e ações feministas no audiovisual brasileiro contemporâneo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 3, p.1373-1391, 30 mar. 2017.

SOARES, Antônio Rodrigues. A Psicologia no Brasil. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 30, n. 1, p.8-41, 10 dez. 2010. Mensal.

ZUBEN, Juliana Vieira Von; RISSI, Maria Rosa Rodrigues; LORENZI, Carla Guanaes. A rede social significativa de uma mulher após o diagnóstico de HIV/AIDS. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 18, n. 2, p.211-221, 03 maio 2013. Trimestral.